



Campos do Serrano, ... de setembro de 1998.

Oi, Emília,

Como tem passado? Eu vou bem, com saudade das nossas conversas.

O que você achou do Encontro de Educadores? Eu, apesar de não ter ido, já conversei com algumas colegas que participaram e soube que foi muito interessante. Elas contaram muitas novidades, elogiaram bastante as palestras e trouxeram vários textos, dos quais já fiz uma cópia.

Sabe, ultimamente, eu tenho lido bastante, principalmente sobre a HTPC, que tem me interessado muito. Tenho me preocupado em levar para estas reuniões temas atuais da educação, para que possamos melhorar nossas práticas na escola. Mas tenho apanhado muito, porque orientar um grupo de trabalho não é fácil.

Aqui na escola, temos muitos professores, tanto mais antigos, que conhecem bem os alunos e a escola, como recém chegados, que ainda estão se adaptando — o que traz diversidade para o corpo docente. Além disso, faz pouco tempo que trabalham juntos, as relações ainda são difíceis e eles não têm muitas idéias em comum sobre o que é ensinar, aprender, educar...

Pensando nas características desse grupo — e naquilo que entendo ser importante para a HTPC —, preparei uma reunião para os professores da manhã, levando questões que, para mim, poderiam ajudar o grupo a pensar um pouco sobre sua prática na sala de aula, sobre nossos compromissos e intenções com a

educação: O que se ensina hoje na escola? Isso ajuda os alunos a compreenderem o mundo em que vivem?

Para estimular a discussão, escolhi o vídeo e o fascículo 1 do "Raízes e Asas" que recebemos no PEC, porque enfocam a preocupação com o acesso e a permanência dos alunos na escola, apresentando situações e depoimentos de pessoas de várias regiões do país. Achei que este material seria adequado, porque as escolas apresentadas no vídeo oferecem exemplos de práticas que revelam a intenção de formar sujeitos críticos, ativos e participantes. Além disso, a leitura do fascículo daria um suporte mais teórico à discussão do grupo. Como não tínhamos muito tempo, selecionei alguns trechos do vídeo e do texto que se relacionavam diretamente às questões que levantei.

Estas eram as minhas intenções, mas veja o que aconteceu:

Primeiro, assistindo ao vídeo, fiquei surpresa com a reação dos professores. Muitos debocharam do jeito simples de falar das pessoas filmadas; outros, ainda, comentaram que aquilo não tinha nada a ver com a realidade da gente e que o sucesso das atividades mostradas era inventado. Achei melhor não deixar esta reação tomar conta do grupo e tentei chamá-lo para o eixo da discussão, insistindo nas questões e procurando associá-las às falas e situações apresentadas no vídeo. Ao invés disso, algumas professoras relataram atividades que faziam e que consideravam "bem sucedidas", porque envolviam os alunos e tornavam as aulas mais animadas.

De repente, em meio aos relatos, a professora de História (que entrou este ano) começou a dizer que, na 5ª série, estava sendo

muito difícil tornar as atividades interessantes, porque as crianças não sabiam ficar quietas e eram desrespeitosas. A professora de Matemática não concordou, dizendo que essas crianças aprendiam com rapidez, desde que se soubesse lidar com elas. Essa discussão tomou conta do grupo; todos começaram a falar ao mesmo tempo: “As crianças da 5ª série não param. Como é possível trabalhar com essas crianças?”; “O que é melhor ensinar para as nossas crianças?”; “A indisciplina na 5ª série é muito grande: eles se engalfinham, não param quietos nem amarrados. Desse jeito, não dá para trabalhar”; “Como será que as crianças aprendem hoje?”; “Essas crianças precisam aprender a ouvir e a ter mais respeito pelos os outros” etc.

Sem que eu me desse conta, o tempo da reunião acabou, houve um clima de desentendimento e não conseguimos encerrar a nossa discussão. Fiquei muito desanimada por não conseguir dar conta de tudo que tinha previsto na pauta e, sobretudo, da discussão em torno das questões que procurei levantar.

Fui para casa e comecei a escrever no meu diário tudo o que havia acontecido. Foi bom fazer isto, porque enquanto eu estava escrevendo, rememorando os acontecimentos, fui mudando a minha interpretação sobre o que havia acontecido.

Inicialmente, eu achava que o grupo de professores talvez tivesse resistido à discussão por se sentirem confrontados com as práticas que apareciam no vídeo. Depois, pensando melhor, achei que eu não soube conduzir a reunião: Por que insisti em questões tão amplas, teóricas e abstratas, se os problemas concretos da sala de aula estavam aflorando com tanta força no grupo? Não

teria sido melhor começar a discussão a partir das dificuldades enfrentadas por estes professores?

É, Emília, ainda tenho muito que aprender, você não acha?

Bom, como estou de saída para ir ao supermercado, vou aproveitar e colocar esta carta no correio.

Um beijo e até mais ver,

Clarice

P.S.: E se combinássemos um encontro para qualquer dia desses? Poderíamos convidar algumas pessoas com quem convivemos no PEC e promover um "chá pedagógico". O que você acha?